

# AS RECORRÊNCIAS TEXTUAIS NAS PRODUÇÕES DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CLEONEIDE JERÔNIMO DE SOUZA

[Cleoneide\\_jeronimo@yahoo.com.br](mailto:Cleoneide_jeronimo@yahoo.com.br)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA-UFPB

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar as marcas de intertextualidade e recorrências textuais nas produções de textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de João Pessoa – Pb, focalizando a Linguística Textual, parte do estudo da linguagem, que a apresenta em seus conceitos a intertextualidade.

### Palavras-chave:

Linguagem, coerência, Intertextualidade.

### Abstract

This work aims to identify the brands of intertextuality and textual recurrences in the production of texts for students of the 5 th year of elementary school Network's Public Hall of Joao Pessoa - Pb, focusing on Textual Linguistics, the study of language that sets in their concepts to intertextuality.

### Key words:

Language, consistency, Intertextuality

## INTRODUÇÃO

Ao interagir com o meio, o homem busca extrair significados de tudo que há em sua volta. Este processo de buscar significação é inerente ao ser humano, tanto quanto a linguagem. Foi por esta necessidade de resposta que a utilização da linguagem se fez presente nas relações humanas. Esse interagir proporcionou ao homem o uso da fala do outro para dizer algo seu. Os dizeres passaram a ser comum a todos. No entanto, quando o modo de dizer ficou registrado através da escrita, tornou-se algo particular, com

características próprias e aspectos que passaram a ser observados a partir dos estudos linguísticos. Tomando como base parte destes estudos, focalizando os pressupostos teóricos da Linguística Textual, que constitui a intertextualidade como um dos seus conceitos-chave. Elaboramos o presente trabalho, objetivando buscar marcas intertextuais nas produções de textos de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental. Objetivando também, direcionar a análise dos textos das crianças observando outro aspecto que não seja os erros ortográficos; valorizando assim suas produções. Partindo da hipótese que o aluno do 5º ano do Ensino Fundamental utiliza em suas produções a intertextualidade, procuramos encontrar a retomada de outros textos feita pelos alunos, recurso este não observado pelo professor, durante as correções. Sabendo da importância de se conhecer as teorias da Linguística Textual para a formação do escritor competente, reconhecemos esta experiência como oportunidade de aprimoramento desta teoria.

## **1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.**

Um dos mais úteis instrumentos que dispõe a humanidade para a elaboração de ideias é a linguagem. É ela que viabiliza a transmissão dos conhecimentos e o registro das experiências ao longo da história.

Os estudos sobre linguagem, em todo seu percurso, têm confirmado que o ser humano apresenta em sua estrutura orgânica a pré-disposição para a aquisição da linguagem, no entanto as formas de adquirir linguagem foram observadas em várias concepções. Com isso, várias teorias se estabeleceram na tentativa de descrever os mecanismos, utilizados pelo ser humano, para a apropriação da linguagem. Segundo Cardoso (1999, p.15), a linguagem foi concebida em três diferentes abordagens, destacando nelas a visão de sujeito dentro do processo de apropriação da linguagem, como também as práticas pedagógicas utilizadas para esta apropriação.

Primeiro, a *linguagem como expressão de pensamento*: nesta concepção a linguagem é vista como mera representação do pensamento, o sujeito é um ser passivo, próprio para assimilar a língua, que é concebida como um conjunto de signos, pronto para a decodificação e tem como função a representação das informações. Nesta visão, os conhecimentos são repassados sem questionamento e o indivíduo é apenas um depositário de informação. A metodologia de ensino tem como base a exposição verbal e os

questionários de respostas pré-estabelecidas. O texto é algo pronto, acabado, contendo informações incontestáveis; e o estudo da língua caracteriza-se no domínio e identificação das regras das gramaticais. (CARDOSO, 1999)

Segundo, a *linguagem como instrumento de comunicação*: nesta abordagem o ponto central da linguagem é sua função comunicativa, através dos elementos que a compõe que são eles: emissor, receptor, mensagem e canal. No entanto, apesar de ter sido um novo olhar para a linguagem, alguns aspectos permaneceram estáticos como: a visão do sujeito como um ser passivo na construção do seu próprio conhecimento, ou seja, é apenas um receptor de informações, propício à aceitação. O texto continua sendo acatado como algo pronto; o trabalho em sala de aula é mecanicista; o aluno é considerado capaz de dominar a linguagem quando efetua exercícios estruturais, usando as informações adquiridas nas aulas expositivas. O processo de aquisição da linguagem é direcionado para o reconhecimento da sistematização da língua. (CARDOSO, 1999)

Terceiro, a *linguagem como forma/processo de interação*: esta concepção apresenta aspectos inovadores na explicação da aquisição da linguagem. Nela o sujeito é agente construtor dos próprios conhecimentos e a linguagem o canal de interação que contribui para esta construção. O texto é admitido como ponto de partida, não algo acabado e seu sentido é construído pelo sujeito-leitor de acordo com os conhecimentos trazidos de suas vivências. Este sujeito utiliza os conhecimentos e a linguagem para atuar de forma positiva em seu meio social. O domínio desta é essencial para esta atuação. As práticas pedagógicas nesta perspectiva de linguagem respeitam as possíveis leituras de um único texto; o contexto sócio-cultural do aprendiz é levado em conta, durante a situação de aprendizagem, e suas experiências são aproveitadas no processo de aquisição da língua. (CARDOSO, 1999)

Cada uma destas concepções de linguagem tem uma visão particular de admitir a aquisição da língua, por isso é que ao longo dos tempos a definição de língua foi sendo adequada a cada momento. Se buscarmos uma definição para o termo *língua* nas gramáticas ou dicionários, certamente, encontraremos algumas definições que se assemelham: “Língua é um sistema. Conjunto organizado e opositivo de relações adotado por determinada sociedade para permitir o exercício da linguagem entre os homens” (LIMA, 2005, p. 5).

Para Cardoso (1999, p.19) os estudos de Halliday trazem algo inovador para o estudo

da língua: a função textual. Esta função estabelece a ideia de coesão e coerência na construção do texto, diferenciando “texto” de um conjunto de orações pré-estabelecidas. Segundo a autora, conhecendo a função textual o leitor é capaz de construir um discurso apropriado à situação que se pretende; e as relações coesivas dão as formas a este discurso e o torna coerente.

### 1.1. Coerência Textual

Sendo a coerência uma propriedade linguística que não se prende a determinações meramente gramaticais da língua, sua definição está estritamente relacionada a propriedade do funcionamento do texto como uma peça comunicativa; como um meio de interação verbal. Como Massini - Cagliari (2001):

A coerência é a estabelecida na interação, na interlocução, em situação comunicativa entre dois usuários. Pode ser vista neste sentido como um princípio de interpretabilidade do texto (...) também como uma continuidade de sentido perceptível do texto, possibilitando a criação de mundo textual de acordo com o conhecimento de mundo registrado na memória. (MASSINI – CAGLIARI, 2001, p.37/38)

Sendo a questão da coerência muito abrangente, alguns estudiosos procuram em suas pesquisas direcionar aspectos que a caracterizam. Segundo Charolles (apud ANTUNES, 2005 p.182), um texto é coerente quando apresenta os seguintes elementos:

Repetição – Progressão – Não – contradição –Relação.

Para Koch e Travaglia (APUD MASSINI-CAGLIARE 2001 p.48), a falta de elementos coesivos pode ocasionar problemas de coerência em determinadas situação. No entanto não vamos nos atermos aos problemas que o mau uso, ou mesmo o que a falta dos conectivos, podem ocasionar na construção de um texto, tão bem trabalhados pelos autores.

Aqui apresentaremos apenas a questão da coerência segundo os fatores que a influencia. Beaugrande & Dresler (Apud KOCH 2007, p11) definem estes fatores como: conhecimentos linguísticos; conhecimento de mundo; conhecimento partilhado; inferências; fatores pragmáticos; situacionalidade; intencionalidade e aceitabilidade;

informatividade; focalização; intertextualidade; e relevância.

No entanto, focalizaremos apenas o fator *intertextualidade*, objeto de nossa análise, que “é compreendida como as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto dependem do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores” (MASSINI-CAGLIARE, 2001, p.56). Ou seja, a intertextualidade é a utilização de algo que já foi falado na construção de um novo dizer, como também o intercâmbio destes dizeres.

## 1.2. Intertextualidade

O termo intertextualidade foi introduzido nos estudos linguísticos por Kristeva em 1967, na França, ao apresentar seus trabalhos sobre *dialogismo*, teoria defendida por Bakhtin. Segundo Fairclough (Apud ALDRIGUE, 2004, p.18), a intertextualidade é um processo no qual o texto incorpora outro texto, ou seja, é a presença marcada do outro, a fim de produzir sentido incorporado, ou para transformá-lo.

Para Beaugrande e Dressler (Apud ANTUNES, 2005, 88.), a intertextualidade diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um trecho dependente de um ou de mais textos previamente existentes. Para eles, o discurso não vem numa inocente solicitude, constrói-se através de um “já dito” em relação ao qual ele toma posição.

Pode-se dizer que a intertextualidade sempre está presente nos textos, pois um remete a outro na sua macroestrutura

Segundo Koch & Travaglia (1990, p.92), a intertextualidade pode ser identificada como de forma ou de conteúdo. A de forma ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discursos.

Quanto a intertextualidade de conteúdo, esta é uma constância, pois ocorre de forma implícita ou explícita em textos que são escritos numa mesma época, numa mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura. Quando se escreve sobre algo, traça-se um diálogo sobre determinado conteúdo, e isto requer informações anteriores. Estas informações aparecem de forma explícita através das referências presentes nas produções científicas, resumos, traduções, resenhas etc. E de forma implícita, sem a identificação da fonte. No entanto, para ser identificadas as idéias implícitas de um texto é necessário que o receptor tenha conhecimentos sobre a fonte utilizada, do contrário não será capaz de identificar as

recorrências utilizadas pelo autor.

Dois tipos de recorrências são identificados na intertextualidade de forma distinta: a contestação dos sentidos do texto conhecidos como *paródia*; e a reafirmação dos sentidos do texto chamada de *paráfrase*. Quando a intertextualidade aparece invertendo os sentidos das idéias, temos a paródia. O termo paródia instituiu-se no século XVII, mas este estilo de criação textual tem seu surgimento datado a partir do século V, tendo como criador Hegemon de Tarso que usando o estilo épico da poesia *A poètic*, mostra o homem como ser inferior, desfazendo a idéia dos homens deuses contida na poesia de Aristóteles.

Partindo da compreensão do que seja intertextualidade, observa-se que esta acontece de forma consciente durante a produção textual, usa-se a palavra do outro na intenção de propagar idéias. Já quando usamos em nosso discurso palavras alheias sem ter consciência das mesmas estamos produzindo a interdiscursividade. “A interdiscursividade é constitutiva de qualquer discurso e está no inconsciente do sujeito.” (ALDRIGUE, 2004 p.18).

## **2. PROCESSOS METODOLÓGICOS**

Não poderíamos pensar em trabalhar com textos infantis sem criar as possibilidades para que estes textos fossem produzidos. O corpus é composto por 30 alunos do 5º ano de uma Escola Municipal, de João Pessoa – Paraíba, com faixa etária entre 09 e 15 anos de idade. A participação dos alunos foi autorizada pelos pais através de uma carta de anuência. As produções de texto, corpus da atual pesquisa, foram resultados de cinco sequências didáticas explorando o resumo de filmes infantis, aplicadas em sala de aula. O trabalho desenvolveu-se no período de 35 dias letivos. Cada sequência obedecia as seguintes etapas:

1ª ETAPA - A motivação. Estimulou-se a curiosidade dos alunos, fazendo uma pequena explanação sobre o filme a ser trabalhado.

2ª ETAPA - A sessão do filme. Os alunos assistiram ao filme, apresentado em vídeo, na própria sala de aula. Os filmes variaram entre clássicos da literatura infantil e produções de sucesso do cinema na atualidade.

3ª ETAPA - A produção. Após cada sessão, os alunos recebiam folhas de papel ofício previamente preparadas para as redações. Foi solicitado que cada um resumisse o filme de acordo com sua leitura e apresentasse sua opinião sobre o mesmo.

A sequência era finalizada com a solicitação da professora para que alguns alunos

apresentassem oralmente suas produções.

As produções dos alunos foram numeradas por temas: o número de 01 a 30 para cada tema.

## 2.1. As recorrências textuais nas produções de crianças do Ensino Fundamental: análises dos dados

Embora o corpus aqui presente comporte várias possibilidades de análise, abordaremos apenas aspectos referentes a um dos elementos que influenciam o processo de criação. Dentre os fatores que interferem na coerência, consideramos a intertextualidade, procurando assim, verificar a retomada de outros textos presente nas produções dos alunos.

Vale salientar que o que foi solicitado pela professora foi um resumo dos filmes, no entanto, o que foi produzido são narrativas baseadas nos filmes.

Constatamos que 80% das produções são iniciadas com o enunciado narrativo: “*era uma vez*”, mas a retomada do enunciado: “*e foram felizes para sempre*” para finalizar os textos tem uma menor porcentagem. Estes enunciados, retirados dos contos fantásticos, foram utilizados nas cinco sequências didáticas. Vejamos alguns exemplos:

### ***A pequena sereia ParteII***

*Era uma vez uma jovem que casou com um príncipe... (aluno05/10 anos)*

### ***A dama e o vagabundo***

*Era uma vez uma mulher que ganhou uma linda cachorrinha... (Aluno 01/ 10 anos)*

### ***Procurando Nemo***

*Era uma vez um peixinho que tinha um filho e tinha uma casa... (Aluno 12/ 10 anos)*

### ***A bela e fera***

*Era uma vez uma Bela que tinha duas irmãs que não gostavam de uma fera...(Aluno25/11 anos)*

### ***Os três porquinhos***

*Era uma vez os três porquinhos que viviam com sua mãe...(Aluno 15/ 9anos)*

Para iniciar suas produções os 20% restantes, já não utilizam o enunciado ‘*era uma vez*’, tentam parafrasear a história criando um enunciado próprio. Vejamos:

### ***A pequena sereia - parte II***

- a filha da piquena cereia gostava de mergulhar no mar...(aluno 18/10 anos)

### ***A dama e o vagabundo***

*Em uma bela casa, um homem deu a sua mulher uma cadela que se chamasse leide. ( 12/ 9 anos)*

### ***Procurando Nemo***

*No Mar existia um peixe que era amigo de todos...( Mirely Susane 10 anos)*

### ***A bela e a fera***

*O pai da bela ia comprar um presente para  
bela e suas irmãs..( Aluno27/ 10 anos)*

### ***Os três porquinhos***

*O treis porquinho tava pasiamno  
foreta eo lobo mão tava na foretia.( Aluno18/ 9 anos)*

Observamos que mais de 90% da turma faz a retomada de todas as personagens dos filmes, mostram assim a capacidade de identificá-las. Alguns já utilizam a forma descritiva para apresentar as personagens, com riquezas de detalhes que demonstram suas visualizações.

*(...) ela ganhou um colar de ouro (...) as cores são preta e vermelho...*

*(...) um peixe azul bateu no pai do nemo..*

É interessante observar que alguns alunos introduzem em seus textos elementos de conversação, delimitando a fala do narrador e das personagens através da pontuação.

*\_venha siga-me\_disse Melody.*

*\_Você está ai merody\_dise a bruxa Morgana (Aluno14/ 10 anos)*

Consideramos que quando o aluno utiliza este recurso está retomando a forma de outros de textos: a intertextualidade.

Alguns alunos tentaram resumir o filme dando sua opinião ao finalizar a história.  
Vejam:

### ***Procurando Nemo***

*Que nemo tava feliz por que era seu primeiro dia de aula e nemo fala para seu pai que viu um tubarão(...) ese filme vale apenas ve denovo iso foi o que eu entendie.(Aluno19/ 10 anos)*

Neste texto a aluna recorre a um título de programação da Rede Globo (*vale a pena ver de novo*) para expressar sua opinião, marca explícita de intertextualidade. Concluímos assim, que mesmo os alunos não tendo conhecimento do que seja intertextualidade, esta se faz presente em suas produções. Cabe ao professor reconhecer estas recorrências e trabalhar valorizando a escrita de seus alunos.

### 2.3. A interdiscursividade nos textos das crianças:

O objetivo primeiro da presente análise era apenas identificar as recorrências textuais das produções, no entanto, não foi possível deixar de perceber os diferentes discursos nos textos das crianças. Valores e princípios que eles expressam em suas produções. Porque não dizer traços de interdiscursividade, a fala do outro introduzido como algo seu, aquilo que está registrado no inconsciente e faz parte das suas crenças.

*Meroly desobedeceu a mãe e sofreu(...) precisamos obedecer pra não sofreremos.( aluno-3/9 anos)*

## CONCLUSÃO

Diante da complexidade de se verificar as produções de textos dos alunos do Ensino Fundamental, tendo em vista o incentivo para a formação de escritores competentes. A proposta aqui apresentada estabeleceu como critério a valorização de tudo o que foi produzido pelos alunos.

Tomando como base um dos fatores que interferem na construção do texto: a intertextualidade, puderam-se analisar as produções dos alunos verificando a capacidade que eles têm de recorrer a outros textos para expressar suas idéias e interpretações de forma coerente. Este tipo de análise é apresentado como uma alternativa para avaliar o processo de produção dos alunos, enfatizando o poder de criação de cada um, e não suas dificuldades em ortografias ou coesão. Embora sabendo que estas dificuldades devem ser trabalhadas em sala de aula, pois reconhecemos a importância destes elementos na construção de um texto; e que o aluno ao longo de sua jornada escolar precisa familiarizar-se com todos estes recursos para tornar-se um escritor competente.

Reconhecemos que o conhecimento de todos os conceitos- chave da linguística

textual é o suporte necessário para que o professor desenvolva atividades de produção escritas, verificando se o aluno já utiliza determinados recursos em suas construções. A identificação a interdiscursividade implícitos nas produções das crianças foi apenas uma tentativa de mostrar que muito se pode verificar na escrita de um aluno, então o que se faz necessário é o conhecimento dessas teorias, já tão difundidas, mas que sempre ficam a margem quando se trabalha produção textual no Ensino Fundamental.

#### 4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa.**Lutar com Palavras:coesão e coerência-** São Paulo:Parábola Editorial.2005.

BAKHTIN, dialogismo e construção de sentidos/Beth Brait (org.) Campinas, São Paulo:Editora da UNICAMP, 1997.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi.**Discurso e Ensino-**Belo Horizonte:Autêntica,1999

DIÁLOGOS HETEROGÊNIOS / Ana cristina Aldrigue, Eliane ferraz Alves ( organizadoras).- João Pessoa: Editora Universitária - UFPB,2004.

FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.**Mine-Aurélio-século XXI-o minidicionário da língua portuguesa.**Rio de Janeiro:Editotra Nova Fronteira.2001.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coerência textual** / Ingedore G. Villaça Koch, Luiz Carlos Travaglia 17. ed. – 1ª reimpressão – São Paulos : Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_ **A coesão textual** / Ingedore G. Villaça Koch, Luiz Carlos Travaglia. 21. ed. – 1ª reimpressão – São Paulos : Contexto, 2007.

MASSINI – CAGLIARI,Gladis.**O texto na alfabetização: coesão e coerência.**Campinas-SP: Mercado de letras, 2001.( Colenção Idéias Sobre a linguagem)

ROCHA IIMA, Carlos Henrique da.**Gramática Normativa da Língua Portuguesa.**44ª ed.-Rio de Janeiro: José Olympio,2005.